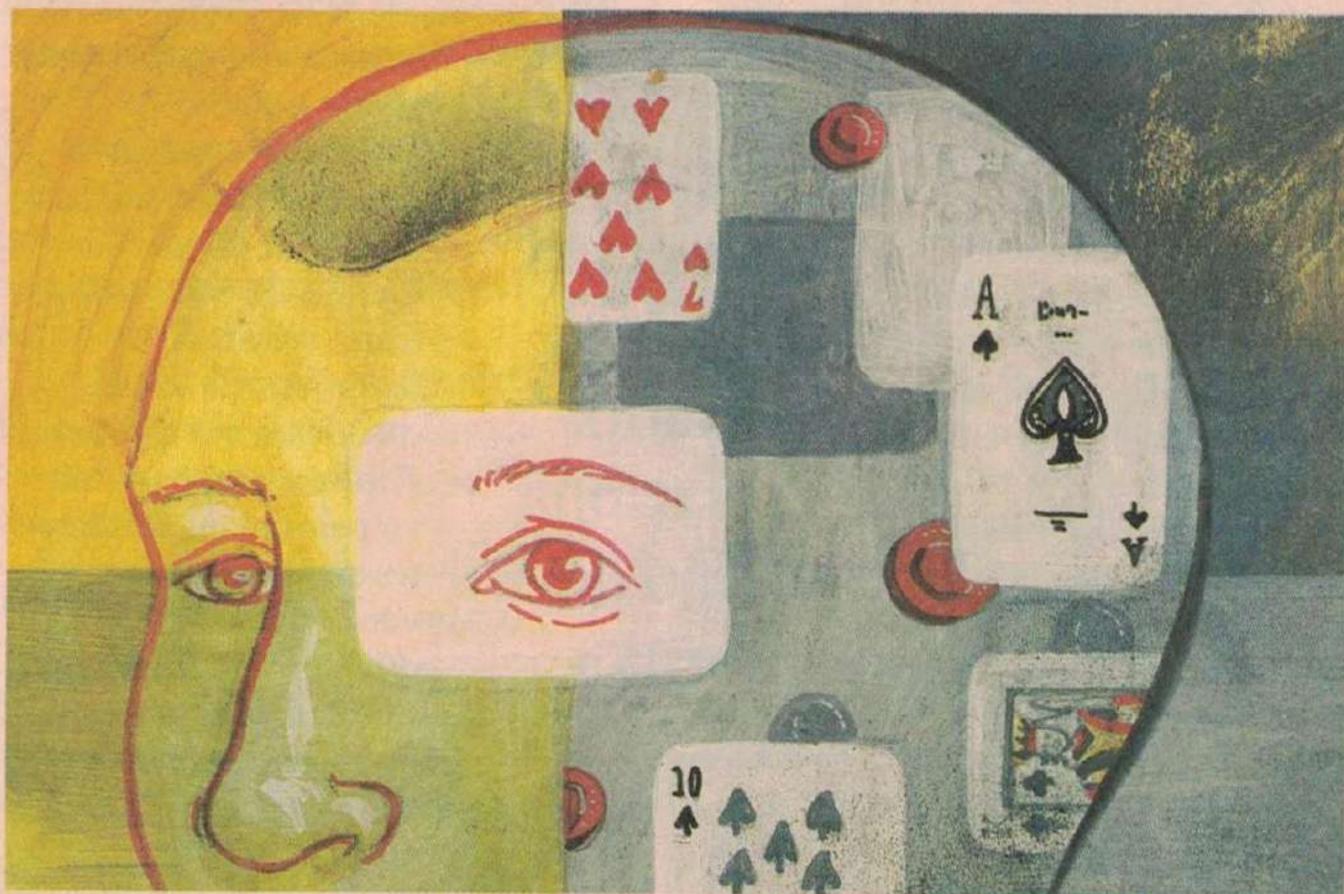


Momento decisivo



A virada das cartas

Como me livrar das garras do passado?

Por ALBERT DiBARTOLOMEO

QUANDO eu tinha meus 10 anos, nas tardes de sábado, meu pai costumava me levar a uma pequena lanchonete no centro de Filadélfia, onde ele jogava *gin rummy* a dinheiro numa mesa dos fundos com homens de aspecto ameaçador. Fumavam sem parar, enchendo de

fumaça azulada o ar, já carregado com o cheiro de carne e cebolas grelhadas.

Enquanto jogavam cartas, eu me distraía no fliperama que brilhava num canto escuro. A máquina imitava o bingo e, se você ganhasse determinado número de partidas, o dono pagaria por elas. Isso foi nos anos 60. Vivíamos da assistência

Momento decisivo

social, de modo que, quando ganhei 4 dólares, a empolgação tomou conta de mim.

Eu não me dava conta inteiramente naquela época, mas meu pai era um jogador compulsivo – dados, corridas de cavalos e cartas. Por vezes eu via os efeitos de seu vício. Desapareciam objetos da casa, empenhados para que ele apostasse ou saldasse dívidas. E eu sentia isso na tensão entre ele e minha mãe.

À exceção dos meus dias de fliperama, só joguei quando já tinha por volta de 30 anos e os cassinos chegaram a Atlantic City – não muito distante de minha casa em Filadélfia.

Na primeira vez, fui jogar nos caça-níqueis só de farra. No entanto, quando surgiram três setes vermelhos e a máquina despejou 500 moedas de 25 centavos, fiquei assombrado, o coração aos saltos. Aquela atração era primitiva – algo profundo em meu sangue, como o amor ou uma febre.

Naquela época eu tinha uma marcenaria e não ganhava muito; porém, passei a freqüentar cada vez mais os cassinos. Deixei os caça-níqueis pelas cartas. Meu jogo era o vinte-e-um e, se estivesse ganhando, passava a noite inteira numa mesa.

Uma vez, já de madrugada, vi-me sentado com uma pilha de fichas

no valor de 3.200 dólares diante de mim. Apesar dos olhos pegajosos e da sensação incômoda nos dentes, eu jogara sem parar, seguindo minha necessidade de “ação” ou “molho” – a sensação de euforia que seguia uma grande noite.

Às vezes ganhava quantias menores, mas o normal era perder. Depois de certo tempo, tinha até medo de fazer a soma – sabia que devia ser milhares. Ainda assim eu ansiava pelas luzes brilhantes ao alto, o feltro verde e macio, e a queda regular das cartas. Então continuava voltando às mesas

de jogo para alimentar minha ânsia secreta.

Nunca achei que pudesse ser viciado. Eu não tinha esse tipo de problema. Tinha dinheiro no banco. Nunca empenhei meu equipamento. E minha mulher não sabia a que ponto chegava meu vício.

Uma noite, no fim de 1994, levei mil dólares para Atlantic City e em duas horas perdi tudo. Já havia perdido quantia igual antes, mas em geral demorava mais. Agora, sentia-me enjoado, agitado com as conversas tolas, com dor de cabeça por causa da fumaça. Assim mesmo, fui a um caixa automático e peguei mais mil dólares. Depois me sentei a uma mesa em que o mínimo era de 100 dólares, resolvido a recuperar

Nunca achei
que pudesse
ser viciado.
Eu não tinha
esse tipo de
problema.

todo o meu dinheiro – o sangue martelando minha cabeça.

Perdi oito mãos seguidas. Atordado, não sei como consegui me afastar da mesa e me dirigir à saída mais próxima, numa raiva surda que se avolumava em meu estômago. Meio cego, esbarrei numa mulher e derrubei de sua mão uma tigela de moedas, que se espalharam pelo chão acarpetado. Não parei nem me desculpei.

Lá fora, no estacionamento, encostei a cabeça no aço frio do meu carro. E comecei a chutá-lo. Vezes e mais vezes.

Por fim me sentei ao volante e comecei a voltar para casa, em Filadélfia. Enquanto eu deslizava pelas ruas frias e desertas, às quatro da manhã, passando por casas alegremente enfeitadas para o Natal, recordações havia muito reprimidas vieram à tona.

Eu estava deitado num sofá velho e surrado. Do outro lado da pequena sala, enfiada num canto, havia uma árvore de Natal. De repente a porta da frente se abriu com violência e meu pai entrou aos tropeços, derrubando a árvore.

De algum modo percebi o que

acontecera – ele havia perdido muito dinheiro. Começou a gritar, com raiva de sua falta de sorte, de sua estupidez, do destino e das cartas. Chutou a árvore e pisoteou os presentes. Depois caiu numa cadeira, soluçando.

TODOS TEMOS obsessões e compulsões, e não pretendo saber exatamente que demônios assaltavam meu pai, mas agora eu entendia muito bem os que estavam me impelindo.

Quando cheguei em casa e estacionei o carro, meus olhos se encheram de lágrimas. Não queria que aqueles que eu amava sentissem a vergonha, a decepção e a culpa que eu sentira. Tampouco queria tornar a passar por tanto sofrimento, jamais.

Naquele momento fiz uma aposta comigo mesmo: *Você nunca vai conseguir largar as mesas de jogo.* Foi uma aposta audaciosa contra a minha natureza – uma espécie de promessa invertida. Uma promessa que eu tinha de refazer todos os dias. Mas, graças a Deus, foi uma aposta que “perdi”.

CASO DE POLÍCIA

Deu no jornal *Observer*, do Oregon: “Depois de receber um comunicado de que uma mulher encontrava-se desmaiada na entrada da garagem de sua casa, uma ambulância foi imediatamente despachada para o local. A operação foi cancelada quando um dos socorristas chegou à conclusão de que a mulher, na verdade, estava apenas tomando banho de sol.”